

**MENTIRAS E LUTAS:
PROCESSO DE MESCLAGEM EM CONVERSA ESPONTÂNEA**

Caroline Martins da Silva (UERJ)

carolmar31@gmail.com

Sandra Pereira Bernardo (UERJ/PUC-Rio)

sandrapb@terra.com.br

RESUMO

Nesta comunicação, serão analisados três processos de mesclagem (FAUCONNIER & TURNER, 2002) encontrados em transcrições de conversas espontâneas do Banco de Dados Interacionais (RONCARATI, 1996) das expressões metafóricas: a) Pinóquio de Mello; b) Coronelzinho Silva; c) Ele é um batalhador. A mesclagem, que é um raciocínio cotidiano intuitivo, porém complexo, ocorre por meio do acionamento de uma rede de integração entre domínios conceptuais distintos, cujos elementos são comprimidos num espaço mental mesclado. Ela inclui entidades destacadas, por meio de projeções seletivas desses diferentes domínios acionados em espaços mentais de entrada (*inputs*). A capacidade de abrir, conectar e mesclar espaços mentais fornece um *insight* global é uma compreensão em escala humana e um novo sentido que tornam os seres humanos mais eficientes e criativos. Um dos mais importantes aspectos dessa eficiência, em termos de *insight* e criatividade, é a compressão alcançada por meio da mesclagem de relações conceptuais denominadas relações vitais (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p. 92ss), que conectam elementos ou propriedades de contrapartes. A analogia, a identidade, a singularidade e a intencionalidade se destacam entre as relações vitais ativadas nas compressões observadas na construção de sentido das expressões analisadas.

Palavras-chave: Mesclagem. Conversa espontânea. Metáfora. Expressões metafóricas.

1. Introdução

Neste artigo, apresentaremos, com base na teoria da integração conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), as análises de três expressões encontradas em conversas espontâneas, cujo objetivo é postular os tipos de rede de integração envolvidos na compreensão desse gênero

textual. Para tal, foi utilizado o *Banco de Dados Interacionais*⁴¹, organizado por Cláudia Roncarati (1996), composto por treze interações.

As expressões destacadas foram *Pinóquio de Mello* (BDI 9D:009), *Coronelzinho Silva* (BDI 9D:0043) e *Ele é batalhador* (BDI 4:412). Essas ilustram a capacidade imaginativa do ser humano ao carregarem consigo comparações entre guerra e trabalho; personagens fictícios e figuras políticas do Brasil; ditadura e administração de empresas.

As simples projeções entre o domínio fonte e alvo não revelam os verdadeiros sentidos dessas integrações, o que ratifica o grande potencial simbólico do sistema conceptualizador humano em construir significados, a partir das operações cognitivas (identidade, integração e imaginação).

Ainda que os falantes de uma língua, inseridos em uma determinada cultura, apresentem uma aparente facilidade para construção de sentidos desse tipo de integrações, essas formas de conceptualização demandam operações cognitivas complexas, como a compressão de relações vitais de identidade, representação, intenção e analogia.

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, antes de nos aprofundarmos nas análises, será apresentada, na próxima seção, uma síntese das fundamentações teóricas.

2. *Mesclagem ou integração conceptual*

A forma como se raciocina, ao processar informações e conhecimentos de todos os tipos, deve-se, em muitos casos, à integração (ou mesclagem) conceptual. Isso se dá desde o pensamento mais simples ao mais complexo. O sistema conceptualizador humano é dotado de grande potencial simbólico para construir significados. Como apontam Fauconnier e Turner (2002, p. 6ss), isso é possível devido a três operações cognitivas básicas inter-relacionadas: identidade, integração e imaginação.

Perceber *identidade*, equivalências e oposições, entre todos os entes (concretos ou abstratos), a fim de estabelecer-lhes relações e/ou delimitá-las, é resultado de um trabalho complexo e elaborado do raciocínio.

⁴¹ As interações que compõem o Banco de Dados Interacionais são identificadas como BDI. Ao lado desta sigla, encontra-se o número da conversa e da linha que a unidade entonacional foi transcrita. Por exemplo: BDI 1:12 (BDI, conversa 1, linha 12).

Não se trata de um ponto de partida primitivo cognitivo, neurobiológico e evolucionário, a percepção da identidade é parte de um processo de integração conceptual muito mais complicado, com propriedades dinâmicas e estruturais, bem como restrições operacionais, que trabalha, sem ser notado, de forma rápida nos bastidores da cognição, ao categorizarmos tudo que nos cerca (*op. cit.*).

Identidade e integração não podem explicar o significado e seu desenvolvimento sem a imaginação. Mesmo com ausência de estímulo externo, o cérebro pode produzir simulações: ficção, sonho, cenários hipotéticos, fantasias. Todavia, os processos imaginativos identificados nessas formas elaboradas de pensamento criativo também atuam na mais simples construção de significado (*op. cit.*). Assim, quando se categorizam as entidades, atribuindo-lhes uma escala de valores, papéis e/ou funções, suas identidades são percebidas de modo a integrá-las numa categoria conceptual estável adequada ao contexto (comunicativo, social, cultural), a partir de experiências, armazenadas com base em modelos cognitivos idealizados, esquemas imagéticos e *frames*.

Modelos cognitivos idealizados (MCI) consistem em um conjunto coerente e estável de representações do conhecimento que pode ser organizado de várias maneiras (LAKOFF, 1987). Os esquemas imagéticos formam-se por meio da percepção sensório-motora das experiências humanas mais primitivas, ligadas a uma série de situações que experienciamos em nossa interação com o ambiente (GIBBS & COLSTON, 2006). Semelhantes aos MCI, na medida em que se relacionam a estruturas de conhecimentos relativamente complexas, os *frames* podem ser definidos como qualquer “sistema de conceitos relacionados, de tal forma que para entender qualquer um deles é necessário compreender toda a estrutura em que se enquadram” (FILLMORE, 2006, p. 373).

Grande parte da conceptualização, responsável pelo estabelecimento de sentidos, ocorre por meio de integração de espaços mentais interconectados, abertos dinamicamente à medida que o sistema conceptualizador humano aciona rotinas cognitivas para processamento e compreensão de tudo que nos cerca. Os espaços mentais são pequenos pacotes conceptuais construídos durante o pensamento e a fala. Trata-se de construtos parciais que contêm elementos estruturados por *frames* e modelos cognitivos. Embora operem na memória de trabalho, tais espaços são construídos parcialmente pela ativação de estruturas da memória de longo termo.

A compreensão de um enunciado como “Se eu fosse você agiria com mais cuidado ao lidar como o novo encarregado”, expresso, por exemplo, durante um diálogo entre colegas de trabalho, envolve a ativação de dois cenários: o da realidade, a forma como os participantes estão agindo, e o da situação hipotética, o modo de ação recomendado. O cenário da realidade envolve o acionamento de dois espaços mentais: no primeiro, conceptualiza-se o funcionário que lida bem com o chefe; no segundo, o funcionário, que, segundo o enunciador, não vem interagindo bem com o chefe.

Para compreensão do cenário hipotético, projeta-se o papel desempenhado pelo funcionário cuidadoso na contraparte do papel desempenhado pelo funcionário relapso, integrando os dois papéis, ou seja, ligam-se as identidades dos dois funcionários. No espaço mental em que ocorre a fusão de papéis, denominado espaço-mescla, os dois funcionários lidam bem com o novo encarregado. Nesse processo de integração conceptual, projeta-se apenas a qualidade esperada no trato com o novo encarregado.

Logo, a integração (ou mescla) conceptual é uma operação mental básica altamente imaginativa, que surge de uma rede de espaços mentais, cuja configuração mínima envolve a projeção seletiva de elementos de quatro espaços: (i) espaços iniciais de entrada – espaços-input 1 e 2 interconectados; (ii) espaço genérico – projeta-se sobre cada um dos inputs, contendo o que os dois inputs têm em comum em qualquer momento do desenvolvimento da rede de integração conceptual; (iii) espaço-mescla - em que elementos dos espaços iniciais (inputs) são parcialmente projetados (por exemplo, a habilidade de lidar com o chefe do funcionário cuidadoso e o modo como o funcionário relapso passaria a agir).

O aspecto mais importante é que o espaço mesclado mantém-se conectado aos inputs, para que essas propriedades estruturais do espaço mesclado possam ser mapeadas, quando refletido de volta sobre os inputs. Por causa da familiaridade do quadro obtido pelo completamento-possibilidade de uma nova composição no espaço-mescla evocar conhecimento compartilhado de *frames* e modelos cognitivos e culturais ainda não ativados-, o cenário hipotético com mudança de comportamento do funcionário é automático.

Qualquer espaço pode ser modificado em qualquer momento da construção da rede de integração. Isso ocorre porque o significado não é construído em nenhum dos espaços especificamente, mas reside na reci-

proximidade dos arranjos elaborados e suas respectivas conexões. Logo, a ordem desses esquemas pode ser reorganizada a todo o momento. Espaços, domínios e enquadramentos podem proliferar-se e modificar-se, resultando assim em novos espaços-mescla antes não previstos e também provocando transformações naqueles já previstos.

Mesclagens costumam ser originais e geradas *on line*, mas requerem acionamento de projeções e *frames* já armazenados (entrenchados – *entrenchment*). Uma vez criada, a mescla pode se tornar uma rotina cognitiva fixa, armazenada, com potencial para se tornar o input de outro processo de integração conceptual. Um fato motivador fundamental da mesclagem é a integração de vários eventos em uma única unidade. Um exemplo de Fauconnier e Turner (2002) que ilustra bem essa característica é a conceptualização de cerimônias de formaturas, cujo conceito representa em um único evento todas as etapas percorridas ao longo dos anos da graduação, que são comprimidos no espaço-mescla.

Passamos, assim, à proposta de conceptualização de trechos encontrados nas conversas espontâneas dos BDI 9D e 4.

3. *Mentiras e lutas*

Na seção (2.1), apresentamos a conceptualização proposta para duas expressões empregadas numa assembleia para se referir a autoridades que afetam a vida dos funcionários de uma estatal. Na seção (2.2), expomos a construção de sentido de uma expressão já bem cristalizada no uso da língua.

3.1. Comício SINDIPETRO/RJ

No BDI 9D, dois funcionários da Petrobrás, aliados ao SINDIPETRO/RJ, convocam os colegas de trabalho para uma manifestação geral que ocorrerá naquele mesmo dia, 19 de setembro de 1990. Envolvidos por um espírito político, discutem sobre o maior arrocho salarial do Brasil e a atitude mentirosa do presidente da época (1990), Fernando Collor de Mello, ao insistir em reportar um possível crescimento econômico do país. Demonstrando aversão às atitudes de Collor e à administração do presidente da Petrobrás Ozires Silva, os participantes evidenciam operações altamente imaginativas ao exporem seus argumentos. Dessa maneira, observamos integrações conceptuais como *Pinóquio de Mello* e *Co-*

ronelzinho Silva. A primeira expressão aparece em vários pontos da conversa com objetivo de ressaltar as mentiras de Collor acerca de suas afirmativas infundadas em relação à realidade brasileira da época e aos compromissos assumidos em sua campanha à presidência do Brasil.

As falas do excerto (1) foram expressas pelo sindicalista indicado como F1:

- (1)
- 0006 Já tá havendo o maior arrocho salarial des/
0007 mil novecentos e oitenta e três no país.
0008 Então
0009 como é que Pinóquio de Mello vem dizer pra gente
0010 que o país tá crescendo.
0011 Mais uma mentira.
0012 Mais uma vez
0013 revela o seu caráter de mentiroso.
(...)
0038 Não vamos admitir
0039 o nosso salário seja arrojado.
0040 Vamos lutar pela recomposição dos nossos salários.
0041 Vamos lutar pela manutenção da Petrobrás.
0042 Vamos cobrar os investimentos na produção da Petrobrás.
0043 Como é que agora vem o senhor Coronelzinho Silva dizer
0044 que a Petrobrás não está preparada para o choque do petróleo.

Na **Fig. (1)**, apresentamos a configuração da mesclagem postulada para a expressão *Pinóquio de Mello*.

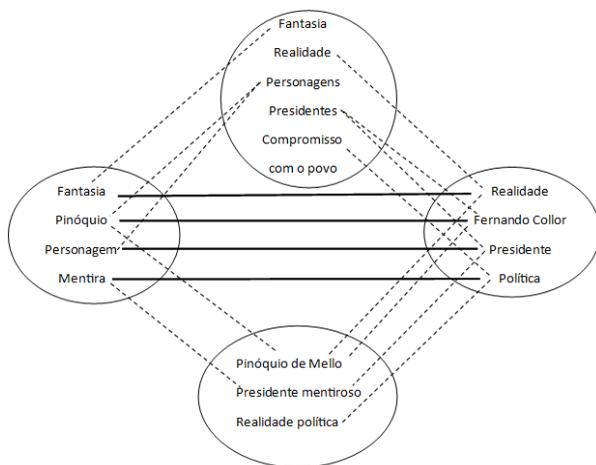


Fig. 1 – Mescla Pinóquio de Mello⁴²

No espaço mental inicial (*input 1*), ativa-se o *frame* relacionado ao personagem de histórias infantis: uma fantasia sobre um menino cujo nariz crescia a cada mentira que contava, configurando a relação metonímica de parte-todo, uma vez que o todo (personagem) é representado por uma parte de seu corpo (nariz). No *input 2*, observa-se o *frame* relativo presidente do Brasil, em 1990, Fernando Collor de Mello. No espaço mental da mescla, encontra a recriação da identidade Collor como mais um presidente mentiroso que não cumpriu seus compromissos de campanha.

Tal raciocínio é ativado por uma relação de (des)personificação. Neste caso, Collor deixa os caracteres humanos para assumir a identidade de um personagem fictício. Essa caracterização resulta em uma ANALOGIA entre o presidente do Brasil e a história do boneco Pinóquio, responsável por gerar um espaço-mescla fundamentado na metáfora conceptual SERES HUMANOS SÃO PERSONAGENS FICTÍCIOS.

Nesse movimento de (des)personificação de Collor, existe uma relação de INTENCIONALIDADE, uma vez que se verifica um desejo do falante-sindicalista em chamar atenção para o fato de o presidente não cumprir o que prometeu em sua candidatura, configurando-se como men-

⁴² Os quadros e tabelas construídos pelos autores dispõem esta informação.

tiroso, e alguém, assim como os personagens fictícios, que vive em uma realidade fantasiosa.

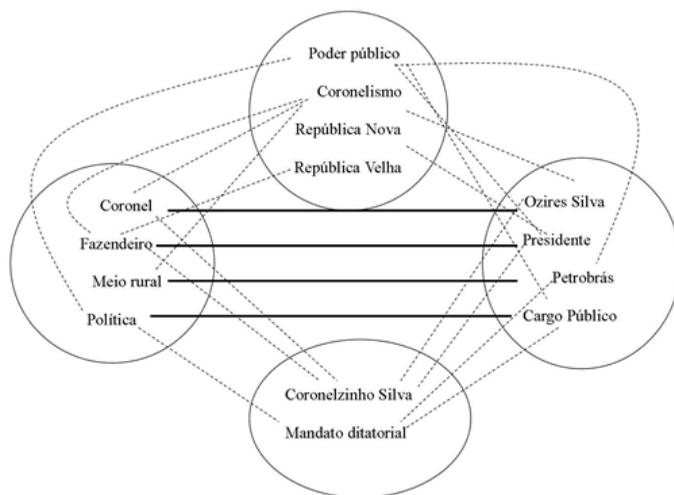


Fig. 2 – Mescla *Coronelzinho Silva*

Além disso, a caracterização de Collor como mentiroso resulta em uma relação de SINGULARIDADE para os políticos mentirosos, resultante da compressão das relações vitais: compressão das IDENTIDADES por ANALOGIA do presidente com o personagem; compressão entre CAUSA-EFEITO, representada pela mentira de Collor (causa) e efeito (Collor como Pinóquio).

No *input* 1, ativam-se elementos relativos a coronel: uma caracterização política praticada, principalmente, do meio rural, cujos fazendeiros eram denominados coronéis. No *input* 2, encontram-se os elementos relacionados ao mandato cumprido pelo presidente da Petrobrás Ozires Silva. No espaço mescla, configuram-se elementos relacionados à nova identidade de Ozires, recriada a partir das relações deste com os funcionários e sua maneira de administrar a empresa.

Essa nova IDENTIDADE resulta, assim como visto em *Pinóquio de Mello*, em uma SINGULARIDADE para os presidentes de comportamento tirânico, resultante de outra relação vital: compressão de IDENTIDADES por ANALOGIA dos presidentes como coronéis de fazendas.

Vale ressaltar que o sufixo *-zinho* em *Coronelzinho* traz à expressão um caráter irônico. Dessa maneira, o valor semântico que este sufixo apresenta é de pejoratividade, podendo significar qualquer coronel ou até mesmo a ausência de respeito por parte de quem se refere a esta autoridade.

A análise exposta acima é uma das compreensões possíveis para esta integração conceptual, uma vez que a falta de referências na conversa, quanto à figura do coronel, permite duas leituras deste vocábulo. A outra face desta ambiguidade aciona elementos, aludindo ao período de regime militar no Brasil (1964-1985).

Como se observa na **Fig. (3)**, no *input 1*, acionam-se elementos relativos à figura de uma das inúmeras patentes militares: coronel. No *input 2*, encontram-se as informações acerca do presidente da Petrobrás (1990): Ozires Silva. No espaço mescla, pode-se observar a (re)configuração deste, não mais como um dos representantes do Coronelismo, mas sim do regime militar ditatorial presente no Brasil em 1964-1989.

Assim como a análise da mescla (2), a caracterização do presidente da Petrobrás como um coronel/ditador resulta em uma SINGULARIDADE aos presidentes de empresas com atitudes repressoras, advinda da relação vital de compressão de IDENTIDADE por ANALOGIA.

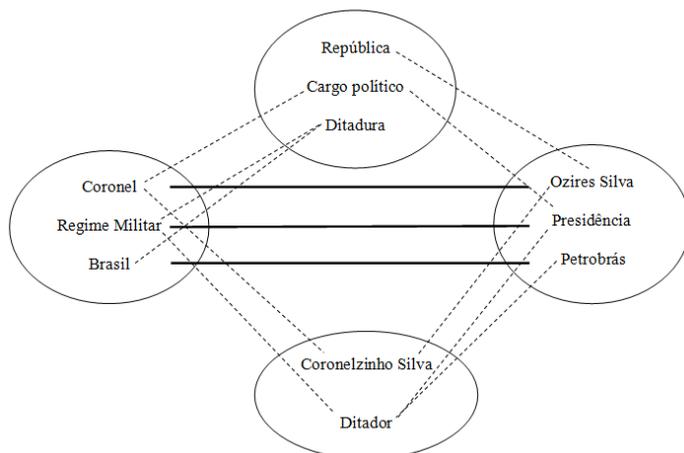


Fig. 3 – Mescla *Coronelzinho Silva*

O acesso cognitivo às entidades por meio de um homônimo leva à ambiguidade estabelecida nessa expressão. A ANALOGIA, assim, faz-se de modo distinto, como explicitado anteriormente, uma vez que nesta segunda leitura *coronel* é uma patente do sistema militar brasileiro, enquanto na primeira era um fazendeiro militante do coronelismo.

Mesmo com a mudança de interpretação, o caráter irônico do sufixo *-zinho*, como mencionado anteriormente, permanece como o mesmo valor semântico.

3.2. Trailer do alojamento

No BDI 4, sete amigos iniciam uma conversa irônica intercalando diversos assuntos. Itanimar, Carmen e Iva, aproveitam para falar sobre os pretendentes da última. Numa parte desta interação, os falantes comentam acerca de dois rapazes conhecidos de Iva. Os amigos mostram-se contra o primeiro, quanto ao segundo, antes de tecerem qualquer comentário, Iva o defende, utilizando como argumento o fato de ele ser *batalhador*. No excerto (2), encontra-se transcrito tal trecho de conversa.

Excerto (2)

- 0362 (Iva) Claudir?
 0363 (Car) Quem?
 0364 (Iva) É uma pesso=a
 (...)
 0384 (Car) [É o poeta]
 0385 (Iva) [Igno/]
 0386 (Car) magrelo
 (...)
 0391 (Car) Faz porra nenhuma
 (...)
 0409 (Iva) tem um garoto que tem //
 0410 <que é trabalhador>
 0411 ele trabalha
 0412 Ele é batalhador

Na figura (4), encontramos a mescla para a expressão *Ele é bata-*

lhador. Para composição desta integração, foram acionados *inputs* relacionados à GUERRA e ao TRABALHO. Nesses espaços, encontrar-se-ão elementos e experiências relacionados a ambos.

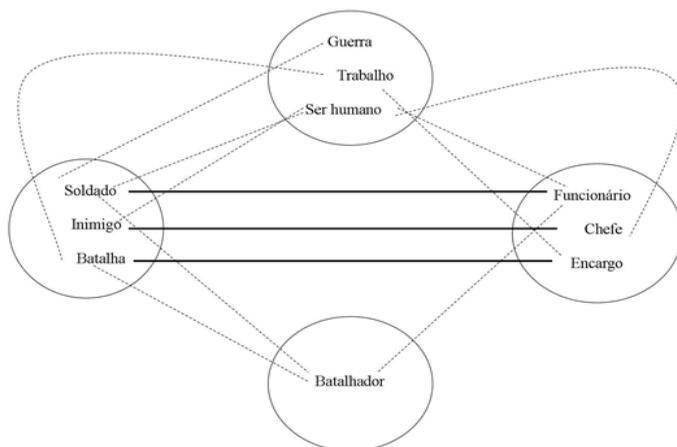


Fig. 4 – Mescla *Ele é batalhador*

No espaço mental inicial (*input 1*), ativam-se elementos relativos à guerra, observa-se que os participantes são soldados, que lutam em prol de um objetivo, derrotar seus inimigos, sendo vitoriosos nas inúmeras batalhas que compõem uma guerra. No *input 2*, ativam-se os elementos relacionados ao trabalho, dessa maneira, assim como no *input 1*, encontramos duas figuras antagônicas, o funcionário e o chefe e as metas a cumprir, nesse caso, os encargos.

Pode-se observar que o espaço mescla está conectado aos *inputs* a fim de que sua propriedade estrutural, *batalhador*, possa ser mapeada ao ser refletida de volta nestes. Dessa maneira, é possível observar, nessa conceptualização convencionalizada, a ANALOGIA entre trabalho e batalha evidenciada pela metáfora conceptual TRABALHO É GUERRA.

4. Considerações finais

Ao comparar as mesclas analisadas, nota-se que há pontos convergentes em suas caracterizações. É possível afirmar que as três expressões aqui estudadas voltam-se a questionamentos sobre a realidade brasileira. A crítica está presente tanto na comparação que revela o caráter

mentiroso da elite que governa o país, quanto na afirmação dos trabalhadores como seres que trocam seus trabalhos por batalhas.

Nesse contexto, pode-se observar em *Pinóquio de Mello; Coronelzinho Silva e Ele é batalhador* a compressão das seguintes relações vitais inter-relacionadas: *analogia, intencionalidade, singularidade, identidade, causa-efeito*.

A presença dessas evidencia a necessidade dos conceptualizadores em recriar a identidade de seus alvos, em todos os casos de maneira pejorativa, utilizando-se em certas interações, como em *Coronelzinho Silva*, da ironia para ratificar suas contrariedades.

Apesar da passagem do tempo, a (re) criação dessas entidades faz-se atual, uma vez que políticos, em sua maioria, mostram-se mentirosos e os chefes das grandes empresas, ditadores. Além disso, a imagem do trabalho como guerra tornou-se convencionalizada.

Dessa maneira, as quatro leituras das mesclas apresentadas revelam a adequação do modelo de rede de integração conceptual para a análise de conversas espontâneas, uma vez que este permite a explicação do potencial criativo presente em tais produções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Sandra Pereira. *Projeto de pesquisa – Papel da metáfora e da mesclagem conceptual em conversa*. UERJ-SELIC 2013-2015: Rio de Janeiro, 2013 (pdf).

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books, 2002.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: GEERAERTS, Dirk (Ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 373-400.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. de trad.: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002 [1980].